



MONITOR ECONÔMICO

Julho.2016



CENÁRIO
INTERNACIONAL



CENÁRIO
BRASIL E MINAS



ANÁLISE SETORIAL

SUMÁRIO



CENÁRIO INTERNACIONAL

ECONOMIA MUNDIAL	<u>04</u>
------------------	-----------



CENÁRIO BRASIL E MINAS

PIB	<u>07</u>
PRODUÇÃO INDUSTRIAL	<u>09</u>
CONFIANÇA E EXPECTATIVAS	<u>12</u>
FATURAMENTO	<u>13</u>
SERVIÇOS	<u>14</u>
COMÉRCIO	<u>15</u>
EMPREGO	<u>16</u>
CRÉDITO	<u>18</u>
FINANÇAS PÚBLICAS	<u>20</u>
INFLAÇÃO E JUROS	<u>21</u>
CÂMBIO	<u>22</u>
SETOR EXTERNO	<u>23</u>
PROJEÇÕES	<u>26</u>



ANÁLISE SETORIAL

AUTOMOTIVO	<u>27</u>
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	<u>28</u>
CONSTRUÇÃO CIVIL	<u>29</u>
INDÚSTRIA EXTRATIVA	<u>30</u>
METALURGIA E SIDERURGIA	<u>31</u>

SÍNTESE

A saída do Reino Unido da União Europeia, movimento conhecido como *Brexit*, pautou o cenário internacional desde o dia 23 de junho, quando foi decidida através de plebiscito.

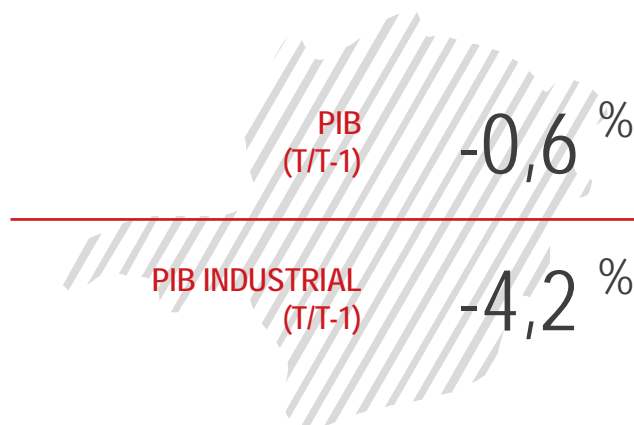
Nos EUA, o *Brexit* emerge como um novo fator de risco para o crescimento da economia global, influenciando ainda mais o adiamento do aumento da taxa de juros americana, o que tem contribuído para o enfraquecimento do dólar frente a outras moedas.

Na União Europeia, os riscos políticos impostos pela decisão do Reino Unido elevarão as incertezas, prejudicando o já baixo ritmo de crescimento econômico do bloco.

A China, que tem a União Europeia como um dos seus principais parceiros comerciais, cresceu a uma taxa anualizada de 6,7% no 2º trimestre de 2016, resultado influenciado por políticas econômicas expansionistas internas.

ECONOMIA MUNDIAL	PIB 2015	3,1%
	PIB 2016 ^(e)	3,2%
	PIB 2017 ^(e)	3,5%

O PIB Mineiro caiu 0,6% no primeiro trimestre de 2016, em relação ao último trimestre de 2015, na série com ajuste sazonal. O destaque negativo foi a contração de 4,2% da indústria. O setor de serviços registrou leve recuo de 0,2%, enquanto a agropecuária estadual cresceu 7,2% no mesmo período. Nas demais bases de comparação, o resultado foi parecido, com contração da indústria e dos serviços, contrabalançado por expansão da agropecuária. Na comparação com o primeiro trimestre de 2015, o recuo no PIB do estado foi de 5,6% – indústria (-13,1%), serviços (-3,3%), agropecuária (+13,6%). No acumulado em quatro trimestres, o recuo agregado foi de 5,2%, com contração da indústria (-10,2%), serviços (-3,2%) e expansão da agropecuária (+2,2%).



A variação negativa da economia mineira foi pior que a queda na atividade econômica do país no primeiro trimestre deste ano. Não fosse o crescimento da agropecuária, exibindo comportamento distinto em relação ao agregado nacional, a performance de Minas Gerais teria sido ainda pior na comparação com outros estados. A forte expansão da atividade agropecuária mineira compensou, em parte, o desempenho muito negativo da indústria, fortemente impactado pela paralisação da atividade extrativa na região de Mariana desde Novembro do ano passado.

Ainda que o setor extrativo tenha contribuído decisivamente para o resultado da indústria mineira desde o último trimestre de 2015, a performance negativa da indústria estadual, na comparação com o resto do país, repete-se há mais tempo. Em todos os trimestres desde 2013, a variação no valor adicionado da indústria de transformação mineira na comparação anual tem sido inferior ao resultado agregado para o país (com a única exceção do 4º trimestre de 2014, quando foram praticamente iguais). Esse quadro é refletido na pior performance do faturamento da indústria mineira em relação à média nacional, conforme vem sendo mostrado pelas pesquisas da CNI e da FIEMG.



CENÁRIO INTERNACIONAL

EUA

PIB 2015	2,4 %
PIB 2016(e)	2,4 %
PIB 2017(e)	2,5 %



MERCADO DE TRABALHO DÁ SINAIS DE RECUPERAÇÃO EM JUNHO

A economia americana abriu 287 mil novas vagas de trabalho em junho deste ano. Após os dois últimos meses terem sido marcados por uma fraca geração de empregos, o resultado destaca-se como o melhor desde o mês de novembro de 2015. A taxa de desemprego saiu de 4,7% em maio para 4,9% em junho, uma elevação de 0,2 ponto percentual (p.p.) explicada por um aumento da força de trabalho, indicando que mais americanos voltaram a procurar empregos. A despeito dos dados recentes, observa-se uma queda no ritmo de melhora do mercado de trabalho. Em 2016, a geração líquida de empregos acumulada até o mês de junho foi de 1,029 milhão, o menor nível desde o ano de 2010.

Assim como em abril, a inflação ao consumidor segue influenciada em maio pela variação positiva dos preços de energia, especialmente do óleo combustível (6,2%), da gasolina (2,3%) e do gás (1,7%), registrando aumento de 0,2% no mês. Em 12 meses, os preços ao consumidor acumulam alta de 1% até maio, patamar inferior à meta de 2% ao ano, enquanto o núcleo de inflação (exceto energia e alimentos) cresceu 2,2% no mesmo período.

Internamente, o mercado de trabalho e a inflação, que orientam a política monetária nos EUA, continuam sendo cautelosamente observados pelo FED. Do ponto de vista externo, a decisão do Reino Unido de saída da União Europeia emerge como um novo fator de risco para o crescimento da economia global, influenciando ainda mais o adiamento do aumento da taxa de juros americana, o que tem contribuído para o enfraquecimento do dólar frente a outras moedas.



CENÁRIO INTERNACIONAL

ÁREA DO EURO	PIB 2015	1,6 %
	PIB 2016(e)	1,5 %
	PIB 2017(e)	1,6 %



BREXIT É UM NOVO FATOR DE RISCO AO CRESCIMENTO ECONÔMICO

Em 23 de junho, o Reino Unido decidiu, através de plebiscito, pelo *Brexit – British exit*, movimento favorável à sua saída da União Europeia, culminando na substituição do premiê David Cameron por Theresa May, membro do Partido Conservador e, até então, ocupante do cargo de secretária do interior. Para o Reino Unido, os efeitos econômicos de médio e longo prazos ainda são desconhecidos. Os mais importantes têm como questão central os fluxos de comércio de bens e serviços, financeiros e de pessoas. Aproximadamente 50% das exportações britânicas têm como destino os demais países da União Europeia.

Para a União Europeia, o *Brexit* é um novo fator de risco ao crescimento econômico. O bloco ainda convive com o legado da crise financeira de 2009, marcado por um nível de desemprego elevado, inflação excessivamente baixa, desequilíbrios fiscais e fragilidades no sistema bancário de alguns países, especialmente da Itália.

De acordo com a primeira avaliação do Fundo Monetário Internacional (FMI) pós *Brexit*, os riscos impostos pela decisão britânica para a Europa são fundamentalmente políticos, o que elevará as preocupações dos países com segurança e contribuirá para aumentar as incertezas, prejudicando o crescimento e afetando o progresso das políticas e reformas necessárias para alavancar as economias dos países membros.

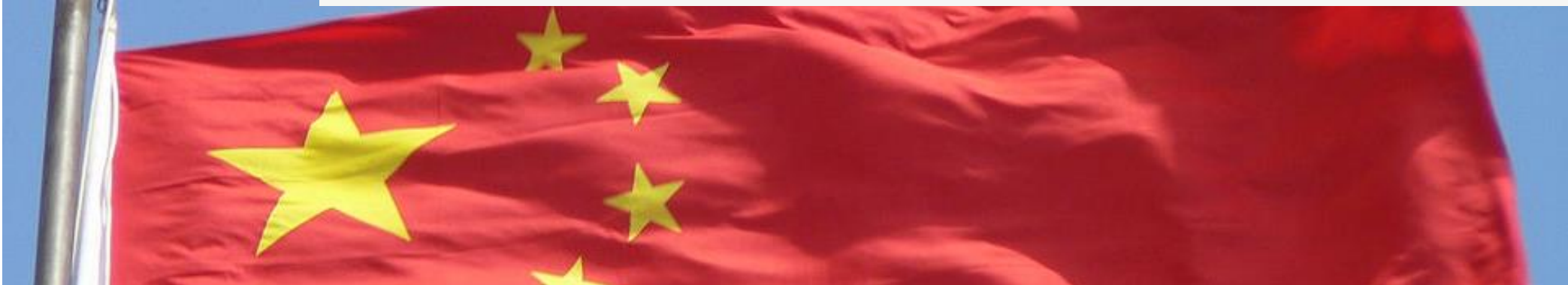
Diante deste cenário, são esperadas novas medidas expansionistas de política monetária pelo Banco Central Europeu (BCE), com a consequente desvalorização do Euro.



CENÁRIO INTERNACIONAL

CHINA

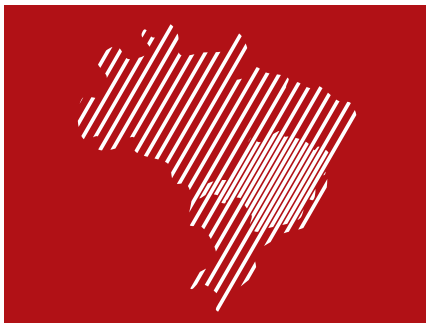
PIB 2015(e)	6,9 %
PIB 2016(e)	6,5 %
PIB 2017(e)	6,2 %



A economia chinesa cresceu 6,7% no 2º trimestre de 2016 em termos anualizados, o mesmo resultado registrado no trimestre anterior. O setor agrícola cresceu 3,1%, enquanto o setor industrial, incluindo a construção civil, avançou 6,1% e o setor de serviços, 7,5%. Comparativamente ao primeiro trimestre de 2016, o crescimento do PIB foi de 1,8%. Essa performance fortalece a percepção de estabilização da economia chinesa. No entanto, a desagregação dos dados indica um quadro de médio e longo prazos ainda indefinido.

No primeiro semestre de 2016, os investimentos em ativos fixos aumentaram 9,0% em relação ao mesmo período do ano anterior. O dado é inferior, no entanto, ao de 2015. No 1º semestre daquele ano, os ativos fixos avançaram 11,7% (10% no segundo semestre). Nos primeiros seis meses de 2016, as empresas estatais e privadas investiram 23,5% e 2,8% a mais que no 1º semestre de 2015, respectivamente. A forte expansão do crédito, respaldada por estímulos fiscais e monetários adotados pelo governo chinês, impulsionou o avanço dos investimentos em infraestrutura (20,9%) e imobiliários (6,1%) neste período. Paralelamente, os gastos fiscais subiram 21,8%, os empréstimos domésticos, 12,45%, enquanto os investimentos estrangeiros diretos apresentaram redução de 7,2%. Nos setores externos também foram observadas quedas no valor das exportações (2,1%) e das importações (4,7%).

A desaceleração dos investimentos privados e estrangeiros pode ser interpretada como uma percepção prospectiva negativa da economia chinesa por parte dos investidores. Ao mesmo tempo, o setor industrial ainda enfrenta dificuldades, entre elas, o excesso de capacidade instalada. O PMI* oficial da indústria registrou nova queda em junho, atingindo 50 pontos, o limite entre a indicação de expansão (acima de 50 pontos) e de contração da atividade (abaixo de 50 pontos). O cenário evidencia as limitações das medidas econômicas no tratamento dos problemas estruturais da economia chinesa, também podendo ser avaliado como consequência da orientação das políticas econômicas para os problemas de curto prazo. Considerando essa segunda interpretação, é razoável esperar a adoção de novas medidas expansionistas, a despeito do elevado nível de endividamento da China, que aumenta o risco sistêmico para a economia mundial.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

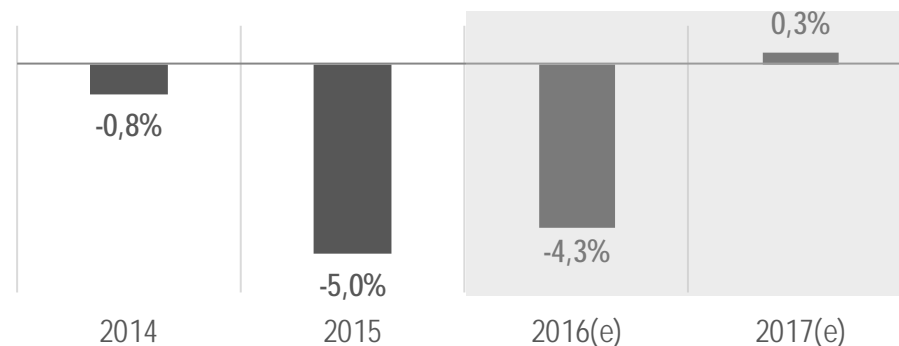
PRODUTO INTERNO BRUTO . MINAS GERAIS

O PIB Mineiro caiu 0,6% no primeiro trimestre de 2016, em relação ao último trimestre de 2015, na série com ajuste sazonal.

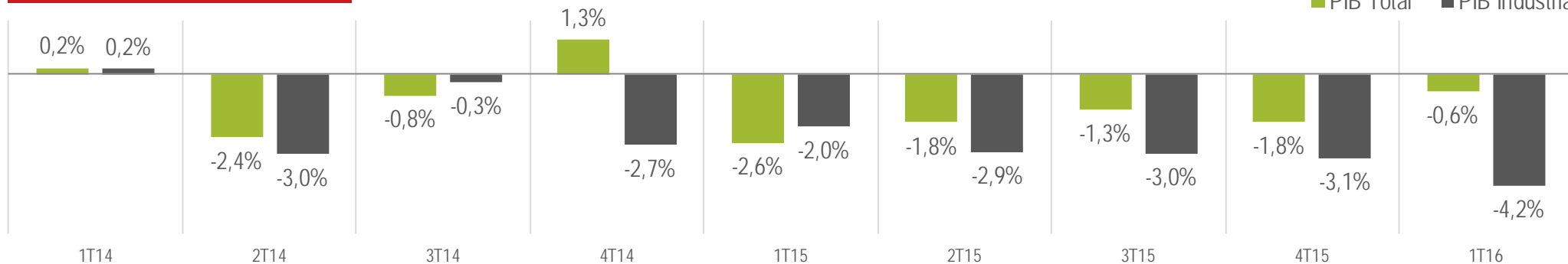
A contração de 4,2% da indústria foi o principal determinante do resultado negativo nessa base de comparação, uma vez que o setor de serviços registrou leve recuo de 0,2%, ao passo que a agropecuária estadual cresceu 7,2% no mesmo período.

Esses resultados são consistentes com nossas estimativas de variação de -4,3% para o PIB mineiro em 2016 (+0,3% em 2017).

PIB (Var. % anual)



PIB (Variação trimestral, T/T-1)



Fonte: FJP. | (e) Estimativas: FIEMG.

CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

PRODUTO INTERNO BRUTO . MINAS GERAIS

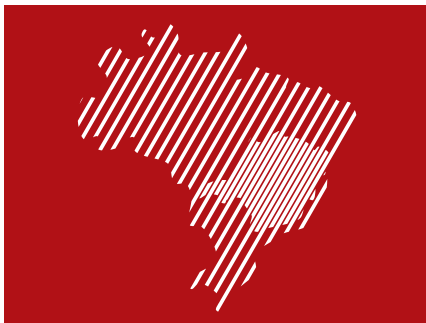
Na comparação com o primeiro trimestre de 2015, o recuo no PIB do estado foi de 5,6%, com contribuição negativa dos setores industrial e de serviços (-13,1% e -3,3%, respectivamente) e variação positiva isolada do setor agropecuário (+13,6%).

O resultado acumulado em quatro trimestres teve o mesmo padrão, com recuo agregado de 5,2%, fruto de contração na indústria (-10,2%) e nos serviços (-3,2%) e expansão da agropecuária (+2,2%).

O crescimento da agropecuária no estado compensou, em parte, o comportamento muito negativo da indústria mineira, fortemente impactado pela paralisação da atividade na região de Mariana desde Novembro do ano passado.

PIB*

		TAXA TRIMESTRAL (T/T-4)			ACUMULADO EM QUATRO TRIMESTRES		
		2014	2015	2016	2014	2015	2016
OFERTA	Agropecuária	12,7%	-14,5%	13,6%	0,8%	-10,6%	2,2%
	Indústria	3,9%	-8,0%	-13,1%	0,0%	-5,4%	-10,2%
	Extr. Mineral	11,1%	-3,2%	-21,6%	-1,4%	-1,3%	-5,5%
	Transformação	1,1%	-9,9%	-13,4%	0,1%	-7,0%	-13,4%
	Construção Civil	-0,8%	-6,9%	-10,4%	2,5%	-6,0%	-9,6%
	SIUP	13,5%	-14,1%	0,2%	-4,7%	-7,0%	-8,7%
	Serviços	2,4%	-2,2%	-3,3%	1,4%	-0,7%	-3,2%
	Comércio	2,9%	-5,4%	-8,8%	0,6%	-2,8%	-8,8%
	Transporte	10,7%	-6,1%	-6,5%	4,8%	-2,5%	-6,0%
	Aluguéis	3,6%	2,1%	2,2%	3,3%	3,1%	1,9%
	Adm. Pública	0,7%	-0,6%	-0,2%	1,3%	0,1%	-0,1%
	PIB	3,7%	-5,0%	-5,6%	1,0%	-2,9%	-5,2%



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

INDÚSTRIA GERAL

MAI-16 / ABR-16*	0,0%
MAI-16 / MAI-15	-7,8%
2016 ^(e)	-5,8%
2017 ^(e)	0,7%

PRODUÇÃO INDUSTRIAL . BRASIL

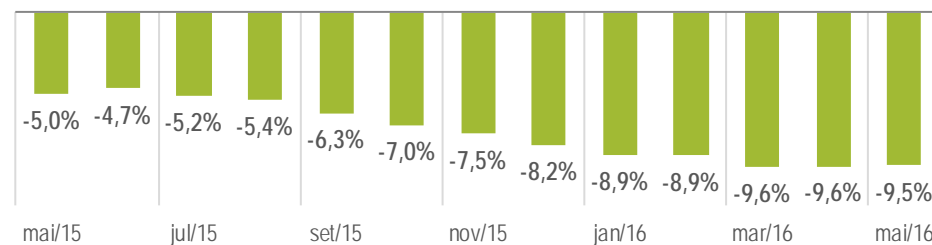
Em maio/16, a produção industrial registrou estabilidade na comparação com abril/16, na série livre de influências sazonais. Com este resultado e com as expansões observadas em março (1,4%) e abril (0,2%), a atividade industrial não apresenta desempenho negativo na margem há três meses consecutivos. Esta é a melhor sequência do setor desde o período entre abril e agosto de 2012, quando a produção expandiu durante cinco meses seguidos.

No entanto, o cenário negativo ainda permanece nas demais bases de comparação, pois a produção decresceu 7,8% em relação a maio/15, acumulando queda de 9,8% nos primeiros cinco meses de 2016.

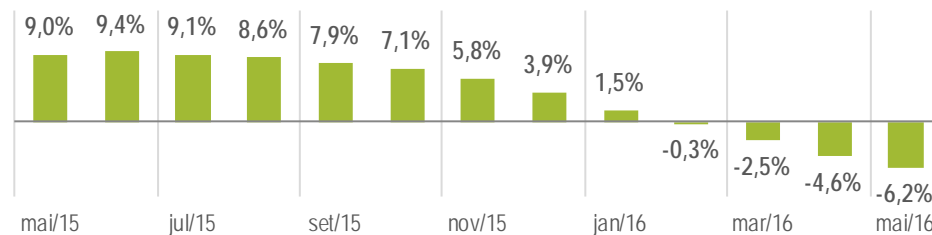
Em 12 meses, a produção recuou 9,5% e, apesar de registrar decréscimos cada vez menores, apresenta retração nas 4 grandes categorias econômicas e em 24 das 26 atividades pesquisadas. A indústria extrativa continua registrando quedas cada vez mais intensas (-6,2%), enquanto a produção na indústria de transformação mostra relativa estabilidade desde o início deste ano. O destaque positivo permanece com o setor de celulose, ao registrar a segunda taxa positiva nesta base de comparação, resultado do aumento de suas exportações. O setor de alimentos também começa a esboçar reação, fortemente influenciada pelo crescimento da produção de açúcar.

No curto prazo, fatores como a melhora da confiança de empresários verificada nas pesquisas da CNI e da FIEMG, o processo de normalização dos estoques e o redirecionamento da capacidade produtiva para o mercado externo devem viabilizar uma dinâmica menos negativa para a produção industrial à frente.

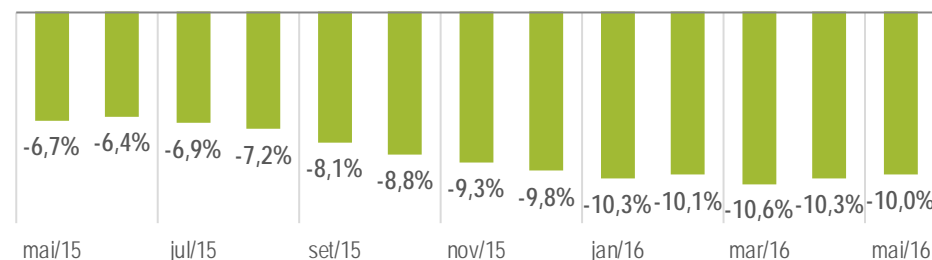
INDÚSTRIA GERAL (Var. % acumulada em 12 meses)

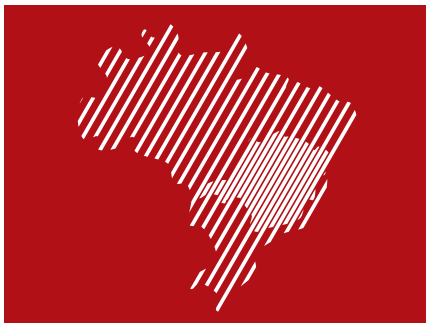


INDÚSTRIA EXTRATIVA (Var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Var. % acumulada em 12 meses)





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

INDÚSTRIA GERAL

MAI-16 / ABR-16*	-0,9%
MAI-16 / MAI-15	-7,2%
2016 ^(e)	-5,7%
2017 ^(e)	0,4%

PRODUÇÃO INDUSTRIAL . MINAS GERAIS

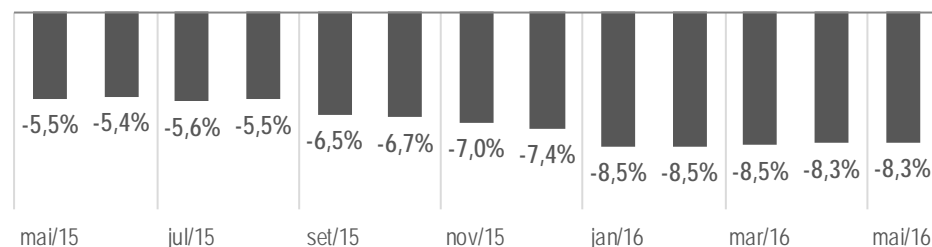
Após assinalar duas taxas positivas consecutivas, a produção industrial de Minas Gerais recuou 0,9% em maio/16 (em relação a abril/16), na série livre de influências sazonais. Na comparação com maio/15, a queda foi de 7,2%, 26ª taxa negativa consecutiva.

Nos acumulado em 12 meses, a produção decresceu 8,3%. Apesar dos resultados negativos, a produção industrial está mais estável no início de 2016, impactada pelos recuos cada vez menos intensos na produção da indústria de transformação. Entretanto, nesta base de comparação, o cenário para a produção na indústria extrativa continua negativo, ainda influenciado pela suspensão da produção de minério nas áreas afetadas pelo acidente em Mariana.

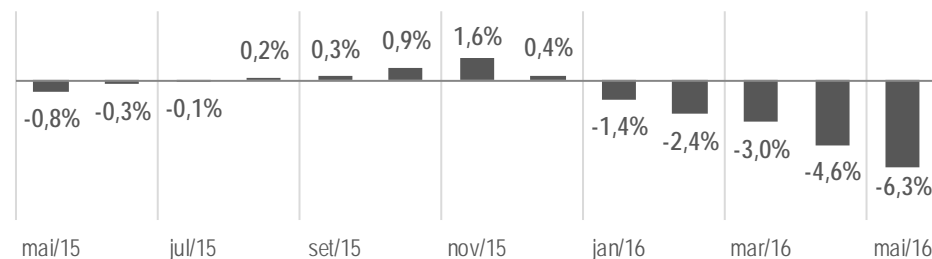
Ainda nesta base de comparação, os destaques setoriais, tanto positivos, quanto negativos, permanecem os mesmos dos últimos meses. Os setores de máquinas e equipamentos (-41,5%), veículos automotores (-32,8%) e produtos têxteis (-27,7%) registram as quedas mais acentuadas. Três setores apresentaram resultados positivos: fumo (18,4%), alimentos (6,5%) e bebidas (4,5%). O setor de bebidas teve a segunda taxa positiva após um ano de dados negativos, nesta base de comparação.

As evidências de menor pessimismo do empresariado mineiro e a redução dos níveis de estoque sugerem um cenário de relativa estabilidade da produção industrial nos próximos meses.

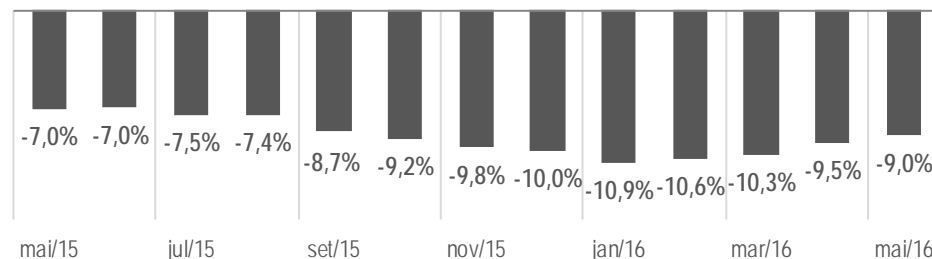
INDÚSTRIA GERAL (Var. % acumulada em 12 meses)

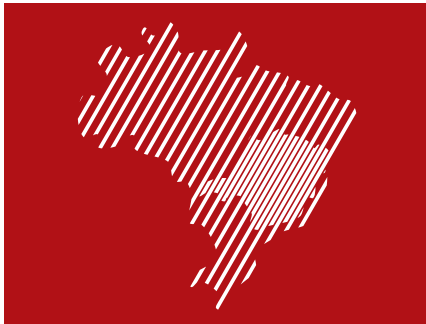


INDÚSTRIA EXTRATIVA (Var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Var. % acumulada em 12 meses)

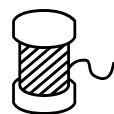




CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

DESTAQUES SETORIAIS NEGATIVOS
(VAR. % ACUMULADA EM 12 MESES)*



Produtos Têxteis



-16,5%



Máquinas e Equipamentos



-17,8%



Móveis



-18,2%



Veículos Automotores



-27,1%



Equipamentos Eletroeletrônicos



-30,8%



Produtos de Metal



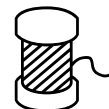
-11,8%



Minerais Não Metálicos



-14,7%



Produtos Têxteis



-27,7%



Veículos Automotores



-32,8%



Máquinas e Equipamentos



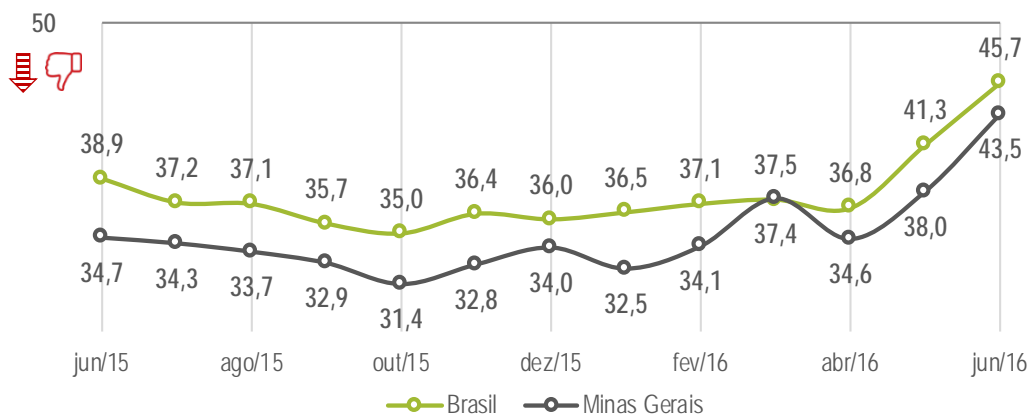
-41,5%



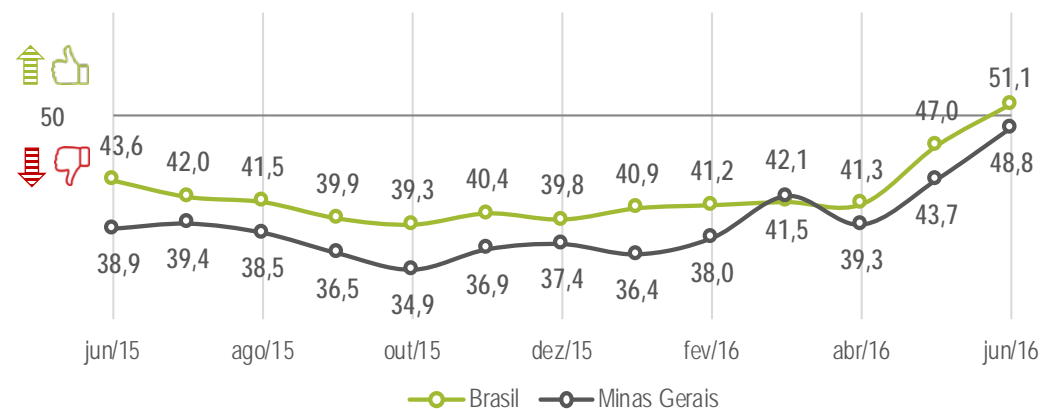
CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

CONFIANÇA E EXPECTATIVAS

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL - ICEI

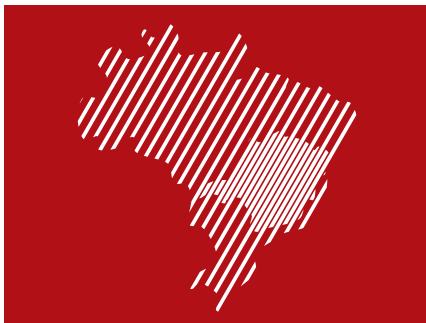


EXPECTATIVA PARA OS PRÓXIMOS 6 MESES



Minas Gerais		Total			Pequenas			Médias			Grandes		
		jun/15	mai/16	jun/16	jun/15	mai/16	jun/16	jun/15	mai/16	jun/16	jun/15	mai/16	jun/16
ICEI		34,7	38,0	43,5	32,8	34,4	41,4	33,3	35,3	39,8	36,4	41,3	46,5
Expectativas	Demanda	42,3	46,3	50,1	46,1	45,9	46,2	39,2	42,0	49,5	41,8	49,0	52,7
	Quantidade Exportada	44,2	53,2	49,9	31,3	53,1	41,7	45,0	45,0	50,0	51,5	57,9	54,7
	Compra de Matérias-Primas	41,1	44,5	48,6	44,5	39,7	42,1	38,6	40,0	51,1	40,5	50,0	51,1
	Emprego	39,4	43,4	45,4	40,6	41,6	42,0	39,2	40,5	45,8	38,7	46,2	47,3
	Intenção de Investimento	39,3	41,8	41,6	29,2	30,4	31,1	32,1	37,8	38,0	49,5	51,0	50,0

Indicadores variam de 0 a 100. Valores acima de 50 indicam otimismo.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

	BRASIL	MINAS GERAIS
MAI-16 / MAI-15	-11,8%	-16,5%
ACUMULADO NO ANO	-12,2%	-14,8%

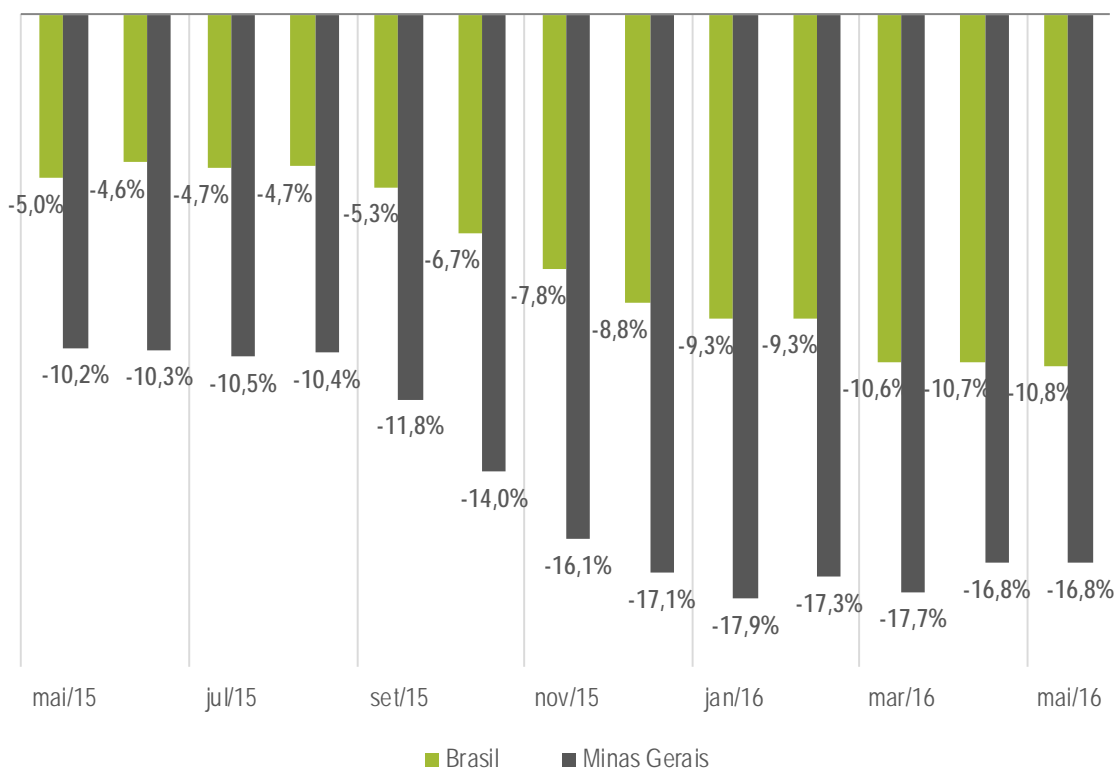
FATURAMENTO

O recuo nas vendas domésticas provocou o decréscimo no faturamento real da indústria de transformação mineira em todas as bases de comparação. A variável registrou diminuição no acumulado do ano até maio (-14,8%) pelo 27º mês sucessivo. O destaque negativo na indústria foi o setor de veículos, que acumulou queda de 46,1% na mesma base de comparação. Nos últimos 12 meses a retração foi de 16,8% no indicador.

Em relação à indústria nacional, os resultados foram tão negativos quanto os encontrados em Minas Gerais. Ao retirar os efeitos sazonais, o índice obteve o pior resultado (-3,8%) desde abril de 2015 e vem registrando queda pelo terceiro mês consecutivo. Quando a base de comparação é o acumulado do ano, o indicador apresentou decréscimo (-12,2%) pelo 24º mês seguido. Assim como na indústria do estado, o setor de veículos (-28,9%) também foi o que mais contribuiu para a diminuição na variável do país.

Apesar do otimismo no mercado diante do processo de ajuste da economia e com expectativas de melhora no nível de atividade, a indústria de transformação continua desaquecida e em queda persistente. No entanto, os indícios de estabilização da demanda e de recuperação na queda do faturamento, com possibilidade de melhora gradual no indicador ainda em 2016.

FATURAMENTO INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Var. % acumulada em 12 meses)





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

VOLUME DE SERVIÇOS

	BRASIL	MINAS GERAIS
MAI-16 / MAI-15	-6,1%	-5,3%
ACUMULADO NO ANO	-5,1%	-5,9%

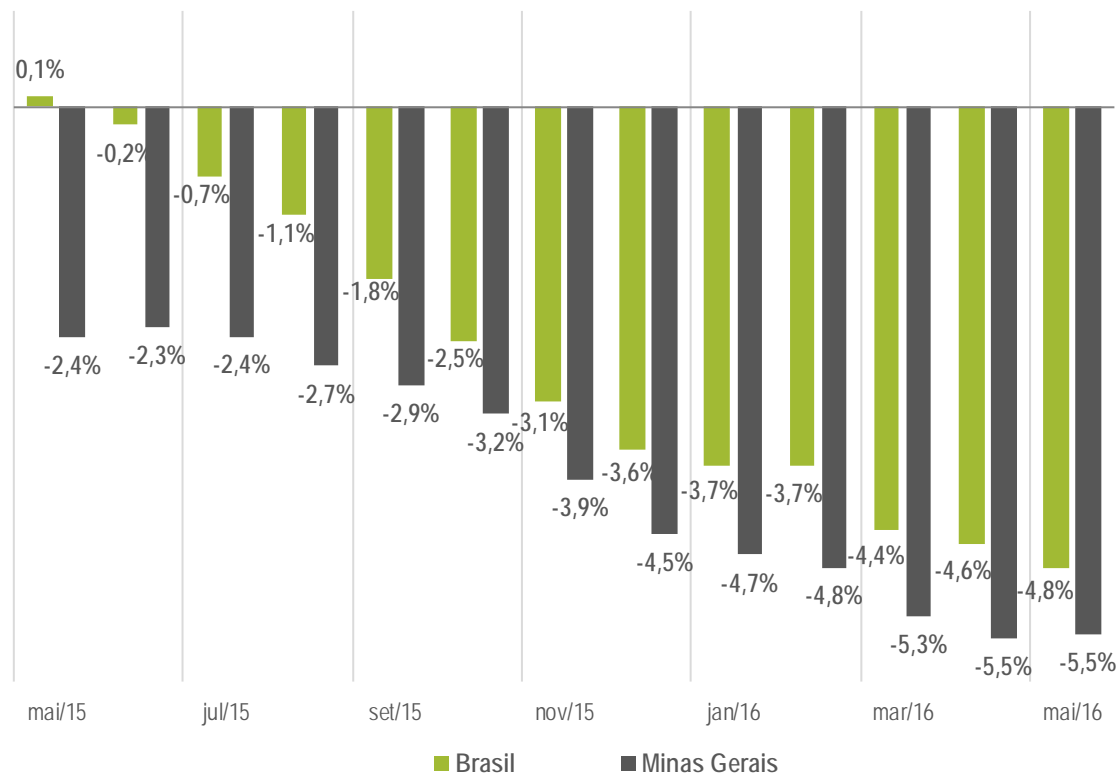
SERVIÇOS

O volume de produção do setor de serviços registrou nova queda em maio, levando o acumulado em 12 meses aos piores resultados da série histórica, tanto no país como em Minas Gerais (-4,8% e -5,5%, respectivamente). Na comparação com o mês de maio de 2015, as variações no país e no estado foram de -6,1% e -5,3%. Nessa base de comparação, todos os 5 subsetores* monitorados registraram recuo, tendo o setor de 'transportes, serviços auxiliares de transporte e correio' contribuído com quase metade da variação negativa do indicador (-2,9 pontos percentuais). Vale destacar que este setor é fortemente cíclico, muito dependente do nível de atividade econômica.

A partir dessa divulgação, o IBGE passou a informar a variação do volume de serviços em relação ao mês imediatamente anterior na série com ajuste sazonal. Nessa base de comparação, o volume do setor recuou 0,1% no país e 0,4% no estado.

A Pesquisa Mensal de Serviços também acompanha a produção de atividades turísticas que registraram recuo na comparação anual e no acumulado em 12 meses (-8,9% e -2,1%, respectivamente). Na série com ajuste sazonal, por outro lado, esse grupo registrou crescimento de 0,4% em maio, variação que está relacionada às temperaturas mais frias ocorridas na Região Sul, favorecendo a demanda pelo turismo regional.

VOLUME DE SERVIÇOS (Var. % acumulada em 12 meses)



Fonte: IBGE.

* (1) Serviços prestados às famílias; (2) Serviços de informação e comunicação; (3) Serviços profissionais, administrativos e complementares; (4) Transportes, serviços auxiliares dos transportes e correios; (5) Outros serviços



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

MAIO/16	BRASIL	MINAS GERAIS
TOTAL (MAI-16 / MAI-15)	-9,0%	-3,1%
TOTAL AMPLIADO (MAI-16 / MAI-15)	-10,2%	-5,2%
TOTAL (ACUMULADO EM 12 MESES)	-6,5%	-1,5%
TOTAL AMPLIADO (ACUMULADO EM 12 MESES)	-9,7%	-6,7%

VENDAS NO VAREJO

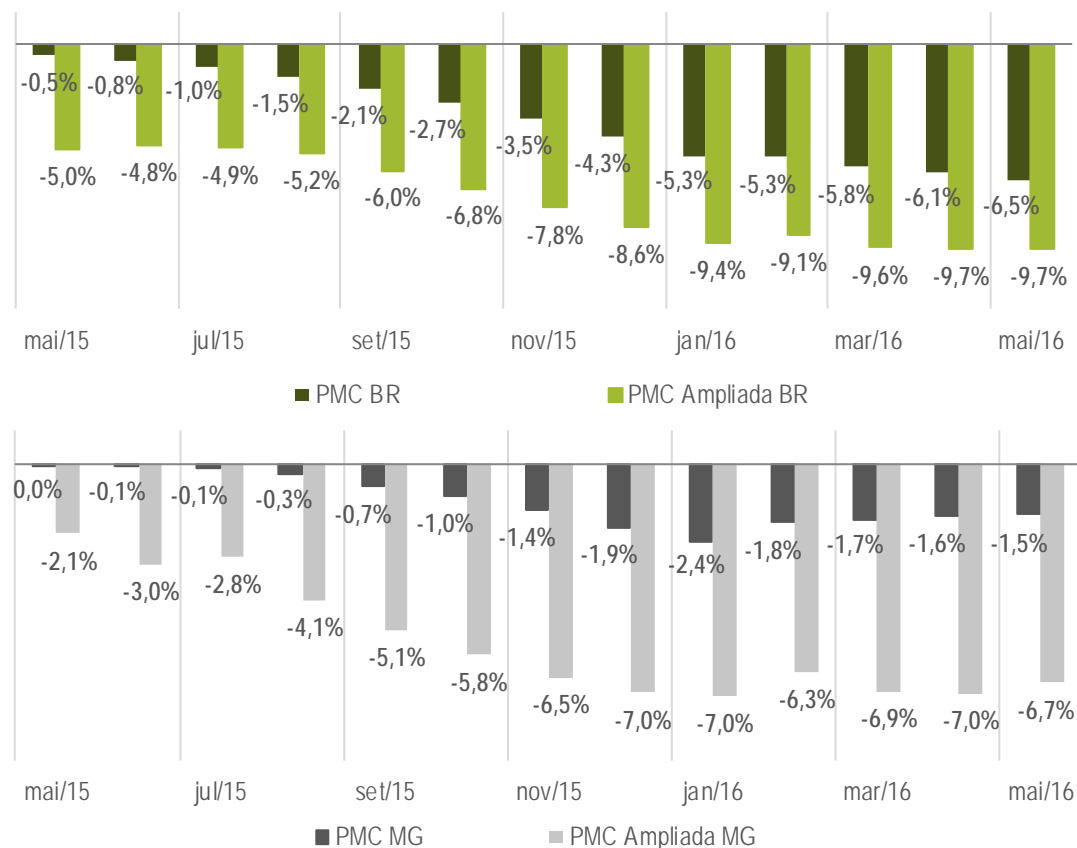
Em maio/16, as vendas no varejo restrito surpreenderam negativamente o mercado ao contrair 1,0% em relação a abril/16, após ajuste sazonal. No conceito ampliado, a queda foi de 0,4%. A melhora recente da confiança dos consumidores ainda não foi suficiente para que as vendas no comércio expandissem na comparação mensal. Este resultado está em linha com a piora no mercado de trabalho e nas condições creditícias.

No acumulado do ano, as retrações no varejo restrito e no ampliado foram de 7,3% e 9,5%, respectivamente.

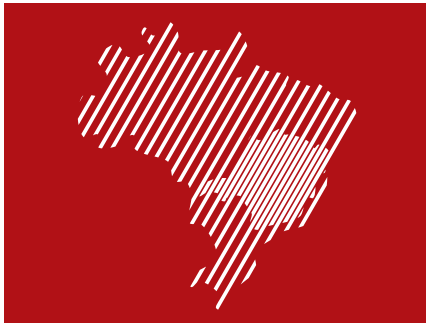
Em relação a abril/15, as vendas no comércio restrito decresceram 9,0%, enquanto no comércio ampliado o recuo foi de 10,2%. Segundo o IBGE, o resultado permanece influenciado pelo menor ritmo da atividade econômica e pela restrição creditícia, com elevação da taxa de juros do crédito às pessoas físicas (34,8% a.a. em maio/15 para 42,0% a.a. em maio/16). Fatores como a redução da massa habitual real de salário* (-3,3%, frente ao trimestre encerrado em maio/15) e a queda do número de trabalhadores com carteira assinada (-4,2%) também contribuem para o resultado do comércio.

No acumulado em 12 meses, as vendas retraíram 6,5%, no conceito restrito, e 9,7%, no conceito ampliado. Os destaques setoriais negativos permanecem os mesmos: veículos, motocicletas, partes e peças (-16,5%), móveis (-16,4%) e eletrodomésticos (-15,7%).

VOLUME DE VENDAS NO COMÉRCIO VAREJISTA (Var. % acumulada em 12 meses)



Fonte: IBGE. | PMC Ampliada: inclui veículos e motocicletas, partes e peças e de material de construção. | *Remuneração livre de pagamentos esporádicos, como férias, 13º salário, prêmios, etc.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

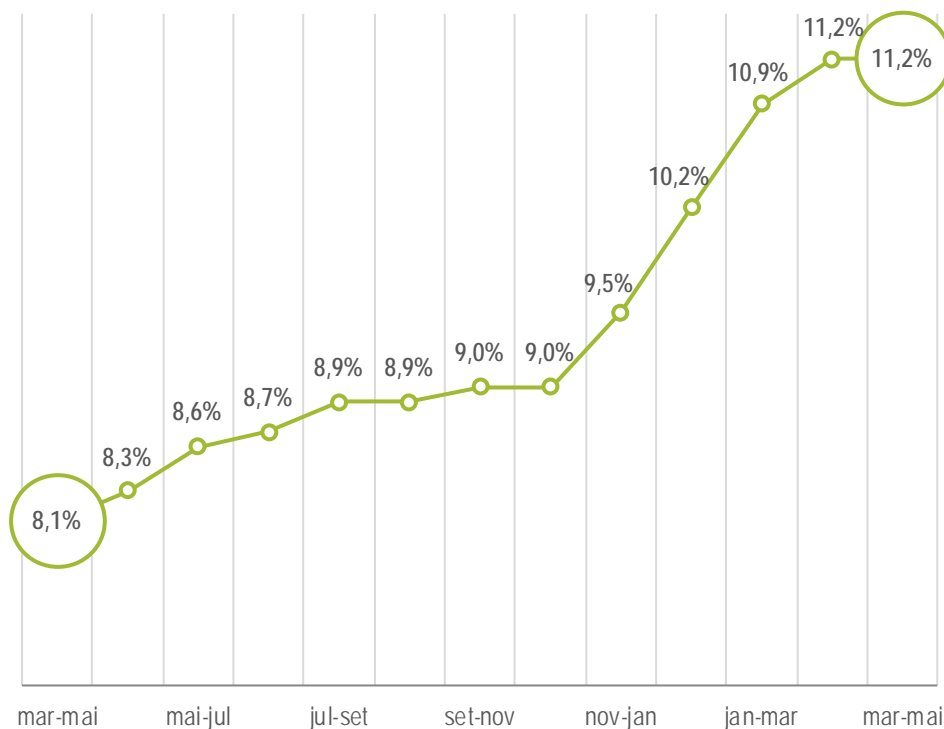
EMPREGO

A taxa de desemprego do trimestre móvel compreendido entre março/16 e maio/16 (medida pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE – PNADC) manteve-se em 11,2%, mesmo nível registrado no período de 3 meses entre fevereiro e abril deste ano. Em relação ao trimestre compreendido entre dezembro/15 e fevereiro/16, a elevação da desocupação foi de 1,0 ponto percentual (p.p.). O salto na comparação com os meses de março a maio de 2015 foi ainda maior: 3,1 p.p..

Os resultados dessa pesquisa evidenciam a acelerada deterioração do mercado de trabalho no país. Em particular, o número de desocupados aumentou em, aproximadamente, 1 milhão de trabalhadores num período de pouco mais de 3 meses. Tendo em vista que o número de trabalhadores ocupados não apresentou variação significativa nesse intervalo, podemos atribuir a deterioração na desocupação ao ingresso na força de trabalho de pessoas anteriormente envolvidas em outras atividades, tais como o estudo e o provimento de serviços para o núcleo familiar, além de idosos já aposentados. Essa tentativa de inserção profissional tem sido pressionada pela deterioração das condições financeiras das famílias, marcada pelo recuo no rendimento real habitualmente recebido (-2,7% na comparação anual).

Outra característica da deterioração nas condições do emprego no país, nos últimos meses, tem sido a precarização do trabalho. Dentre os trabalhadores ocupados no setor privado, houve queda na participação dos empregados com carteira assinada e na categoria de trabalhadores por conta própria, tendo como contrapartida a elevação no contingente de trabalhadores informais.

TAXA DE DESOCUPAÇÃO TRIMESTRAL (%)

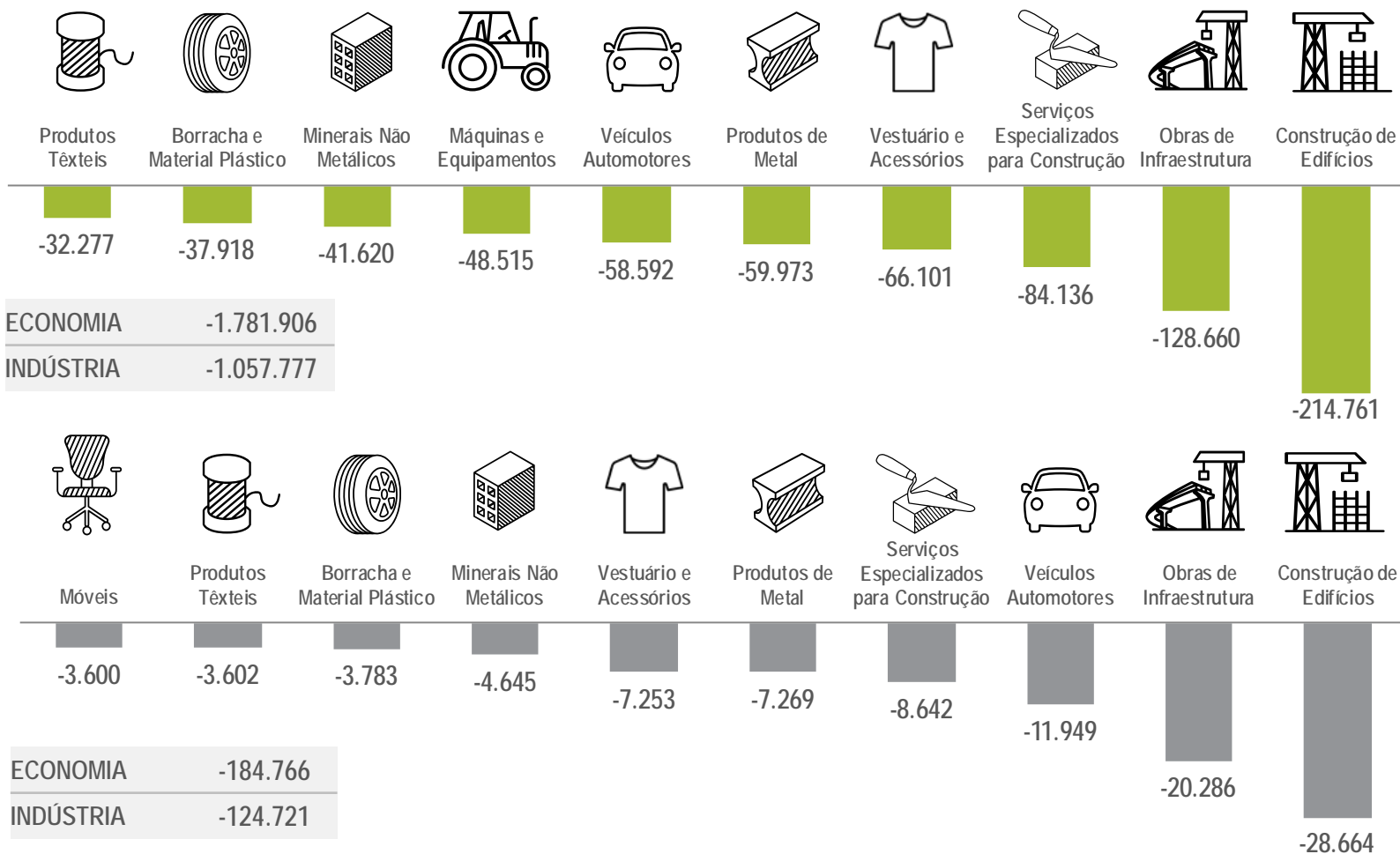




CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

SALDO DE EMPREGO

DESTAQUES SETORIAIS NEGATIVOS
(SALDO ACUMULADO EM 12 MESES)*



Fonte: MTPS. | *Até mai16, dados com ajuste.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

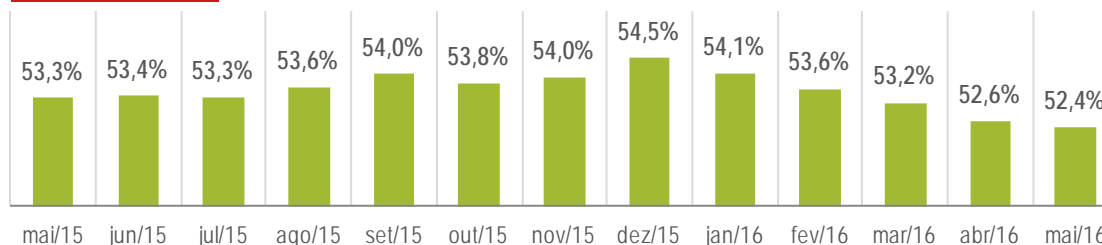
CRÉDITO E CONCESSÕES . BRASIL

A razão crédito/PIB registrou recuo de 0,2 ponto percentual (p.p.) em maio, caindo para 52,4%. Em maio de 2015 essa relação era de 53,3%. A contração no mercado de crédito tem afetado os setores de atividade econômica de forma disseminada. Em maio, por exemplo, houve retrações de 1,4% no crédito ao comércio, de 1,3% para o setor de construção e de 3,2% para a indústria extrativa. Por outro lado, o setor de transportes foi uma das exceções, com aumento de 1,9% no saldo das operações.

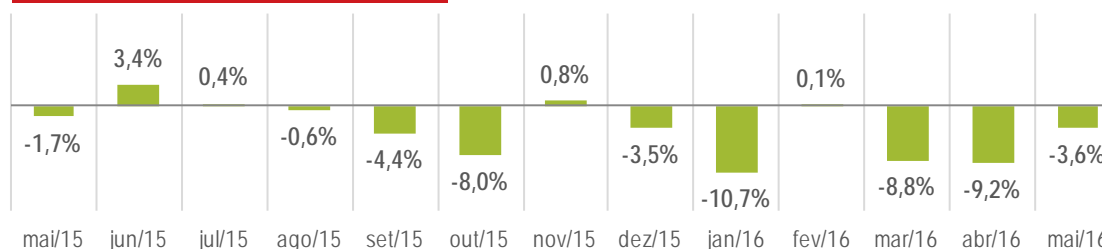
As novas concessões tiveram recuo nominal de 5,4% na comparação com maio de 2015, desacelerando em relação às quedas registradas nos meses anteriores (10,9% em abril e 10,6% em março), o que ajuda a explicar a suavização no ritmo de queda da relação crédito/PIB. As operações com recursos livres caíram 3,6%, enquanto aquelas com recursos direcionados tiveram contração de 19,5%. Descontando o impacto da inflação (do IPCA), houve redução real de 11,8% nas novas concessões com recursos livres e de 26,4% daquelas com recursos direcionados.

O mercado de crédito segue afetado pela atividade econômica deprimida e pelo elevado endividamento de famílias e empresas. Como resultado, a tendência de elevação da taxa média de juros do sistema financeiro foi mantida, atingindo 32,7% a.a., o nível mais alto da série histórica iniciada em março de 2011 (52,3% a.a. no crédito livre e 11,1% a.a. no crédito direcionado). Nas contratações às famílias, a taxa média foi de 42,0% a.a., enquanto o juro médio chegou a 21,9% a.a. para as empresas.

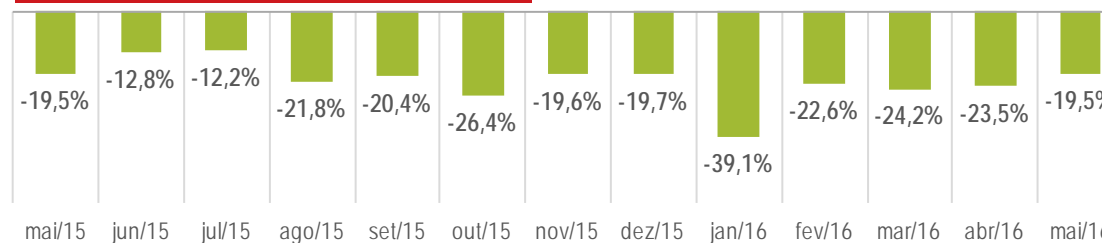
CRÉDITO (% do PIB)



CONCESSÕES - RECURSOS LIVRES (T/T-12)



CONCESSÕES - RECURSOS DIRECIONADOS (T/T-12)



Fonte: Banco Central do Brasil.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

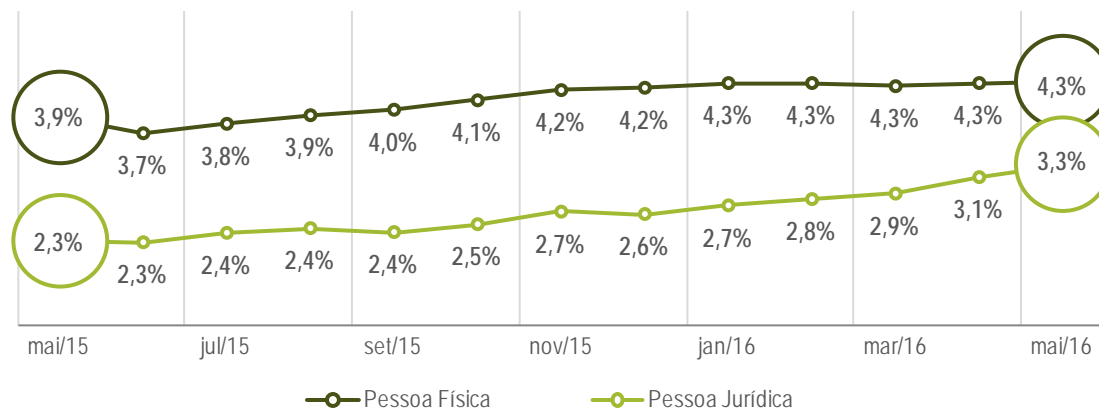
INADIMPLÊNCIA E SPREAD. BRASIL

A inadimplência bancária (atrasos de mais de 90 dias) vem exibindo comportamento surpreendentemente estável considerando o longo período de deterioração econômica no país, que encontra-se em recessão desde o segundo trimestre de 2014. A taxa de inadimplência bancária chegou a 3,8% em maio/16, apenas 0,1 ponto percentual (p.p.) acima da taxa de abril/16 e 0,8 p.p. acima da inadimplência de maio do ano passado. No segmento de pessoa física (PF), a inadimplência manteve-se em 4,3% pelo quinto mês consecutivo. No segmento de pessoa jurídica (PJ), houve nova elevação de 0,2 p.p., atingindo 3,3%.

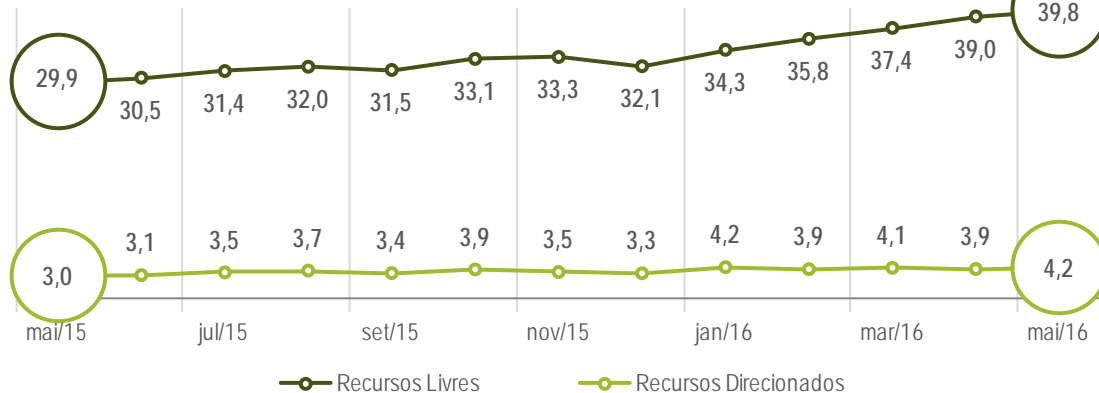
De acordo com estudo do Bacen, a estabilidade do indicador de inadimplência bancária, em meio à forte contração da atividade econômica e suas repercussões sobre a renda das famílias e o faturamento das empresas, é explicada pelo agressivo programa de renegociações e reestruturações de crédito no âmbito do Sistema Financeiro Nacional (SFN). O percentual de operações de crédito que passou por renegociação ou reestruturação supera 10% no segmento de PF e 6% no segmento PJ.

A deterioração do mercado de crédito, no entanto, é evidenciada pela elevação do *spread* médio das operações de crédito, que atingiu 39,8 p.p nas operações com recursos livres, 0,8 p.p. acima do resultado do mês anterior.

TAXA DE INADIMPLÊNCIA (%)



SPREAD BANCÁRIO (pontos percentuais)



Fonte: Banco Central do Brasil.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

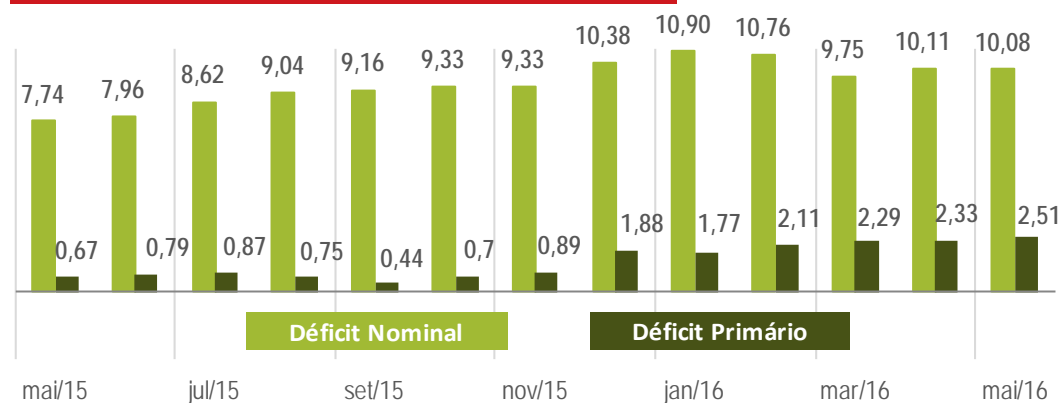
FINANÇAS PÚBLICAS . BRASIL

O setor público consolidado voltou a registrar déficit primário de R\$18,1 bilhões em maio/16. O resultado das contas do Governo Central foi negativo em R\$ 17,8 bilhões, ao passo que governos regionais e empresas estatais apresentaram déficits de R\$ 212 milhões e R\$ 147 milhões, respectivamente.

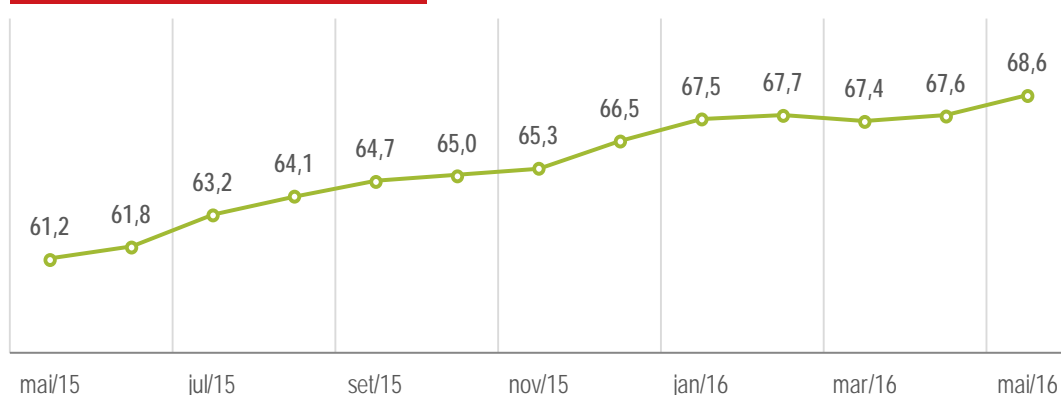
A deterioração das contas públicas segue como um dos principais problemas econômicos do país, tendo o resultado primário deteriorado para um déficit de R\$ 150,5 bilhões nos últimos 12 meses, o equivalente a 2,51% do PIB (2,33% do PIB, em abril/16 e 0,67% do PIB em maio/15). Espera-se deterioração adicional nos próximos meses, tendo em vista que a meta de déficit primário em 2016, aprovada pelo Congresso Nacional, é de R\$ 170 bilhões, aproximadamente 2,8% do PIB. O resultado nominal acumulado em 12 meses (que inclui o pagamento de juros) manteve estabilidade em relação ao PIB no mês, atingindo 10,08% (apenas 0,03 p.p. abaixo da razão registrada em abril/16).

A dívida bruta do setor público, ao contrário, registrou importante deterioração em maio, atingindo 68,6% do PIB, 1,0 p.p. acima do resultado do mês anterior e 7,4 p.p. acima do nível atingido um ano antes. Considerando que a meta de resultado fiscal para 2017 e 2018 é de déficits adicionais em 2017 e 2018 (–R\$ 143,1 e –R\$ 66,0 bilhões, respectivamente), é razoável concluir que a dinâmica da dívida bruta seguirá em deterioração nos próximos anos.

NECESSIDADES DE FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO (%PIB)

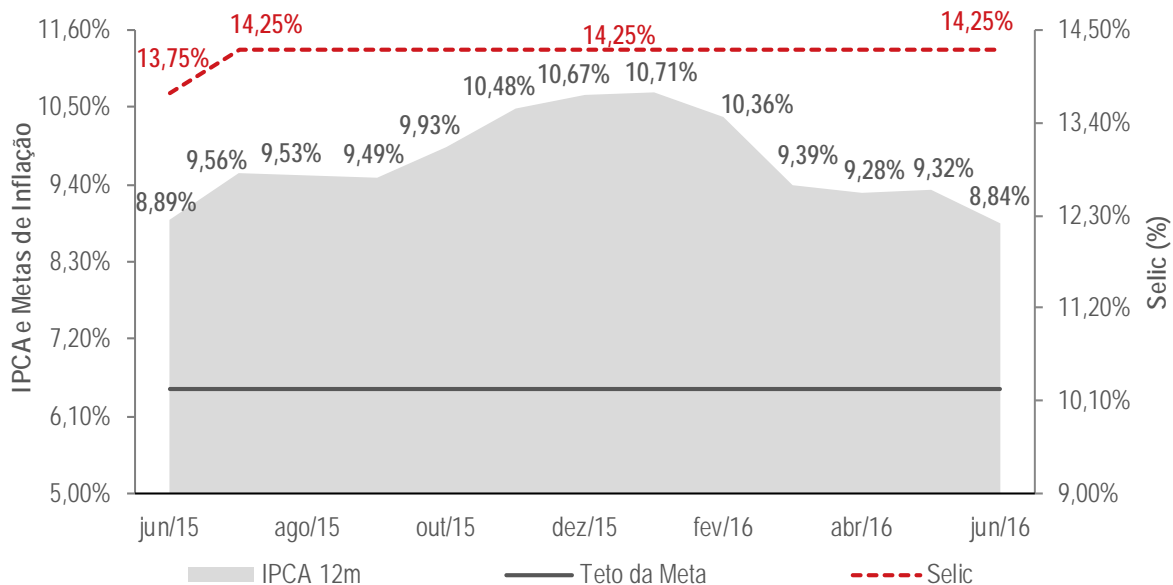


DÍVIDA BRUTA DO GOVERNO GERAL (%PIB)





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS



INFLAÇÃO E JUROS . BRASIL

A inflação do IPCA em 12 meses retomou a trajetória de desaceleração em junho, recuando para 8,84% (9,32% em maio). O IPCA variou 0,35% em junho/15, menos da metade da variação de 0,79% registrada no mesmo mês em 2015. A maior contribuição para a inflação em junho veio da variação de 0,71% do grupo 'Alimentação e Bebidas', responsável por mais da metade da inflação do IPCA no mês (0,18 ponto percentual – p.p.). Mesmo nesse grupo, a variação dos preços foi muito concentrada em poucos produtos, com destaque para o aumento de 41,78% no preço do feijão carioca (que contribuiu com 0,11 p.p.) e de 10,16% do leite longa-vida (0,10 p.p.). Ou seja, apenas a variação nos preços desses dois produtos foi responsável por mais da metade da inflação do IPCA em junho.

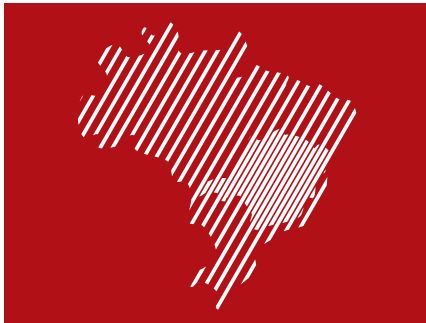
A contração da atividade econômica e o mercado de trabalho deprimido devem continuar contribuindo para a desaceleração dos preços nos próximos meses. No entanto, as estimativas de inflação para 2016 e 2017

GRUPOS DO IPCA (% 12 meses)	MAI/16	JUN/16
Alimentação e Bebidas	12,72%	12,81%
Saúde e Cuidados Pessoais	11,88%	11,79%
Educação	9,24%	9,14%
Despesas Pessoais	9,50%	8,12%
Habitação	7,62%	7,38%
Transporte	7,68%	6,36%
Artigos de Residência	6,53%	6,05%
Vestuário	5,71%	5,44%
Comunicação	3,37%	3,06%

seguem acima da meta de inflação de 4,5% ao ano. A esse respeito, foi significativa a manifestação da nova diretoria do Bacen reafirmando o compromisso com o cumprimento da meta de inflação em 2017, condicionando o início do processo de flexibilização monetária à convergência até o centro da meta das expectativas inflacionárias para 2017.

De acordo com a pesquisa Focus do Bacen*, a mediana das estimativas para a inflação em 2017 encontra-se em 5,40%. No mesmo relatório, as medianas das expectativas para a taxa Selic ao final de 2016 e 2017 estavam em 13,25% e 11,00%, respectivamente.

Outro posicionamento extremamente significativo da autoridade monetária diz respeito à necessidade de avanço favorável da política fiscal como precondição para a evolução do processo de redução da taxa Selic. Essa postura rigorosa da nova diretoria do Bacen reduz a probabilidade de que o ciclo de afrouxamento monetário tenha início na próxima reunião do Copom (19 e 20 de julho).



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

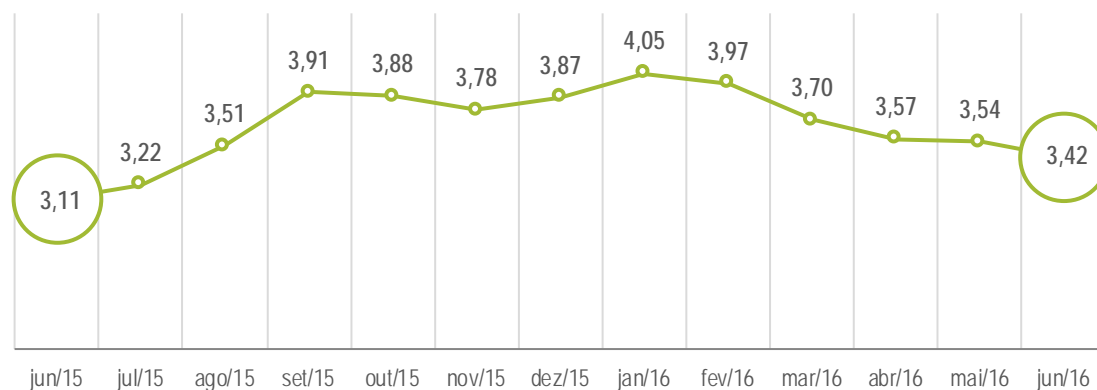
CÂMBIO . BRASIL

A média mensal da taxa de câmbio registrou nova queda em junho, atingindo R\$ 3,42 por dólar. Foi a quinta queda consecutiva desse indicador. Em janeiro/16, a média mensal era de R\$ 4,05.

A apreciação do real em 2016 vem sendo determinada por uma série de fatores. Dentre eles, destacamos (1) a rápida redução do déficit na conta de Transações Correntes do Balanço de Pagamentos do país, fruto da expansão do saldo comercial e do recuo no resultado negativo das contas de Serviços e de Rendas, (2) a evolução positiva dos termos de troca do país no 1º semestre do ano, com recuperação dos preços de *commodities* exportadas e (3) a redução no risco-país, como consequência da mudança de orientação da política econômica. Outro fator que tem contribuído para a manutenção da tendência de apreciação do real é a postergação do processo de elevação dos juros nos EUA em meio a incertezas referentes à recuperação do mercado de trabalho local e ao aumento da aversão ao risco desencadeado pelo *Brexit*. A expectativa de injeção de liquidez nas economias maduras direciona fluxos de capitais para países emergentes, como o Brasil, na busca por maiores taxas de retorno.

Por outro lado, as dificuldades relacionadas ao equacionamento da questão fiscal e a intervenção do Bacen no mercado de câmbio limitam a possibilidade de apreciação adicional. De acordo com o relatório Focus do Banco Central*, a estimativa mediana da taxa de câmbio no final de 2016 recuou de 3,65 para 3,40 reais por dólar, nas últimas 4 semanas.

TAXA MÉDIA MENSAL DE CÂMBIO (R\$/US\$)



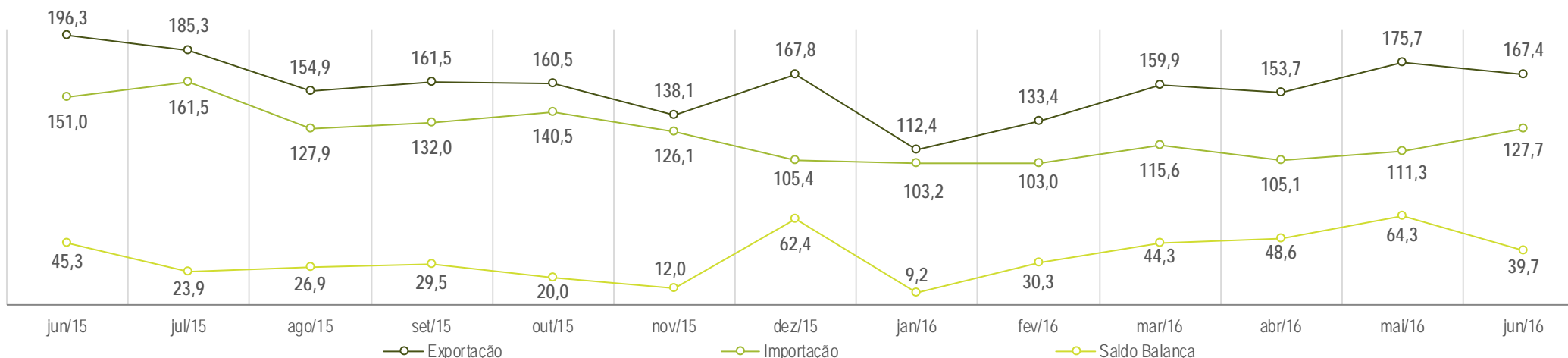


CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

BALANÇA COMERCIAL - US\$ BILHÕES

BRASIL	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	SALDO
JUN-16	167,4	127,7	39,7
JUN-15	196,3	151,0	45,3
ACUMULADO 2016*	902,5	666,0	236,5
ACUMULADO 2015*	943,3	921,0	22,3

BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA (US\$ bilhões)



SETOR EXTERNO - BALANÇA COMERCIAL . BRASIL

Em junho/16, as exportações brasileiras recuaram 14,7% em relação a junho/15, enquanto as importações mantiveram o comportamento dos últimos meses e registraram queda de 15,4% nessa mesma base de comparação.

Após registrar sucessivos avanços nos primeiros meses do ano, impulsionadas pelo câmbio desvalorizado, as exportações mostraram sinais de estabilidade. Em contrapartida, as importações cresceram pelo 3º mês

seguido.

Assim, junho/16 apresentou o 1º recuo do saldo comercial do ano na comparação anual, com queda de 12,3% em relação a junho/15.

Nesse sentido, a manutenção do câmbio mais valorizado do que o esperado anteriormente e a acomodação da atividade interna podem estimular a recuperação das compras externas.

No acumulado do ano, a balança comercial soma expressivo saldo de US\$ 236,5 bilhões, quase 10 vezes superior ao registrado em igual período de 2015. As projeções para o final do ano são de um resultado robusto de US\$ 50,44 bilhões, segundo o Boletim Focus.

Fonte: MDIC. | *Acumulado até Junho. | **Boletim Focus Bacen (08/07/2016) <http://www.bcb.gov.br/pec/GCI/PORT/readout/readout.asp>



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

EXPORTAÇÕES (US\$ bilhões)

MINAS GERAIS	BÁSICOS	SEMIMANUFATURADOS	MANUFATURADOS	TOTAL
Jun/16 (US\$ bi)	1,0	0,4	0,4	1,8
Jun/16 - Jun/15	-0,5%	-5,1%	-10,7%	-4,0%
Acumulado do Ano (US\$ bi)	5,6	2,3	2,1	10,0
Acum. 2016/Acum. 2015	-8,4%	-9,7%	-8,3%	-8,8%

SETOR EXTERNO - EXPORTAÇÕES . MINAS GERAIS

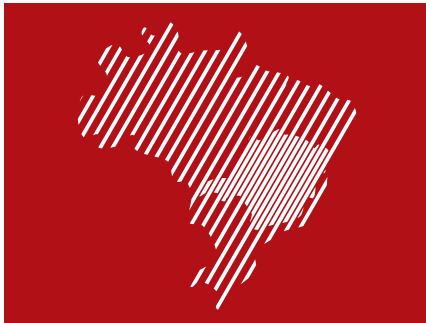
As exportações mineiras totalizaram US\$ 1,818 bilhão em junho/16. As vendas externas do estado acompanharam o desempenho nacional, registrando queda de 4% em comparação a junho/15.

Assim como em maio deste ano, o segmento de manufaturados apresentou o pior resultado no mês, recuando 10,7% ante junho/15. O comportamento das exportações deste segmento foi influenciado pela queda das exportações dos setores de Veículos Automotores (-29,2%) e Metalurgia (2,4%), que juntos responderam por mais de 50% das

exportações de manufaturados no mês.

O setor de básicos, que em maio havia se destacado positivamente devido ao crescimento das exportações de soja no país, não repetiu o resultado em junho/16, mais uma vez refletindo os embarques da *commodity* agrária. As exportações de soja recuaram 12,9% em junho/16 ante junho/15.

No acumulado do ano, as exportações totalizaram US\$ 10 bilhões, aproximadamente 8,8% abaixo do resultado registrado no mesmo período de 2015.



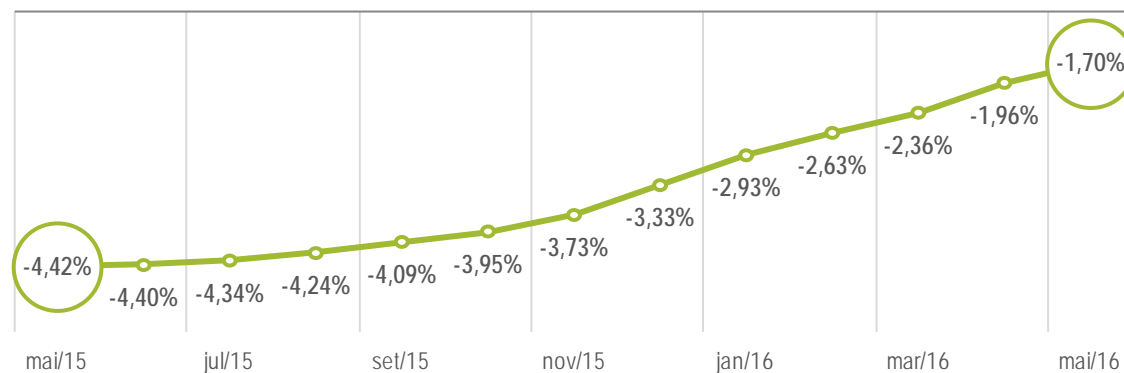
CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

TRANSAÇÕES CORRENTES E INVESTIMENTO DIRETO. BRASIL

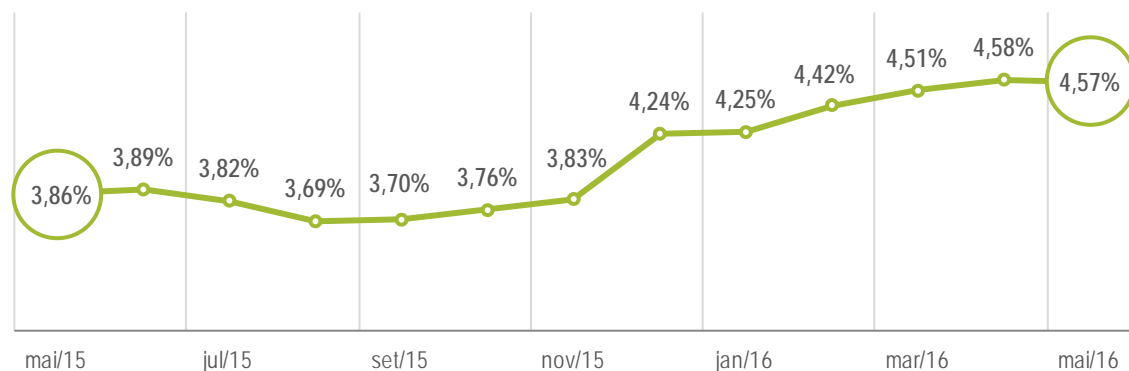
O saldo em Transações Correntes do Balanço de Pagamentos brasileiro registrou superávit de 1,2 bilhão de dólares em maio, levando o resultado acumulado em 12 meses a um déficit de 29,5 bilhões de dólares, o equivalente a 1,7% do PIB. Com isso, manteve-se a tendência de recuperação do déficit externo, que girava em torno de 4,42% do PIB em maio/15 e que já havia regredido para 1,96% do PIB em abril/16. Essa trajetória é derivada da expansão do saldo comercial, do recuo nos gastos de brasileiros no exterior e pela diminuição nos pagamentos de renda primária. Acreditamos que a redução do déficit em conta corrente persistirá nos próximos meses e que os primeiros resultados positivos no acumulado em 12 meses devem ser exibidos no final do segundo semestre de 2016 ou no primeiro semestre de 2017.

O ingresso de investimentos diretos continua financiando com sobras o déficit em transações correntes. Nos 12 meses encerrados em maio, os ingressos líquidos de investimentos diretos no país atingiram 79,4 bilhões de dólares (4,57% do PIB). Isso significa que a necessidade de financiamento externo (NFE) acumulada em 12 meses permanece negativa, o que já ocorre desde novembro de 2015.

TRANSAÇÕES CORRENTES (% PIB)



INVESTIMENTO DIRETO (% PIB)





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

PROJEÇÕES

BRASIL	2016	2017
PIB (%)	-3,30	1,00
Produção Industrial (%)	-5,80	1,00
Comércio restrito (%)*	-4,70	0,90
Comércio ampliado (%)*	-7,00	1,50
Massa Salarial Real (%)*	-3,20	-1,10
IPCA (%)	7,26	5,40
IGP-M (%)	9,23	5,66
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	3,40	3,55
Taxa de câmbio - média do período (R\$/US\$)	3,47	3,53
Meta Taxa Selic - fim de período (%a.a.)	13,25	11,00
Meta Taxa Selic - média do período (%a.a.)	14,06	11,67
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	44,00	48,66
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-15,00	-15,09
Balança Comercial (US\$ bilhões)	50,44	49,88
Investimento Direto no País (US\$ bilhões)	63,50	65,00

MINAS GERAIS	2016	2017
PIB (%)	-4,31	0,29
Produção Industrial (%)	-5,66	0,38
Comércio restrito (%)	-1,19	0,44
Massa Salarial Real - RMBH (%)	-6,18	-2,75
Faturamento (%)	-11,48	-1,48





CENÁRIO SETORIAL AUTOMOTIVO

PRODUÇÃO FÍSICA MAI/16 ¹	BRASIL	-15,8%	
	MINAS GERAIS	-19,4%	
FATURAMENTO MAI/16 ¹	BRASIL	-25,4	
	MINAS GERAIS	-52,4%	
EXPORTAÇÕES JUN/16 ¹		QUANTIDADE	VALOR (US\$)
	BRASIL	-9,0%	-10,7%
	MINAS GERAIS	-15,8%	-29,2%

DESTAQUES

A produção de veículos** registrou decréscimo pelo 27º mês sucessivo em maio, na comparação anual, tanto em Minas Gerais quanto no Brasil. A continuidade na queda da produção reflete a adequação ao menor nível do consumo interno – os emplacamentos acumularam retração de 29% nos últimos 12 meses.

Vale ressaltar que, apesar de seguirem bastante prejudicadas pelos principais condicionantes da demanda – mercado de trabalho e acesso ao crédito – as vendas domésticas podem ser impulsionadas nos próximos meses pela melhora nos indicadores de confiança proporcionada pela mudança de governo, minorando o recuo no mercado interno registrado até o momento. O Índice de Confiança do Consumidor da Fundação Getúlio Vargas registrou dois crescimentos consecutivos na comparação mensal, em maio e junho, sinalizando uma melhora nas expectativas diante do futuro da economia do país.

A deterioração do mercado de trabalho do setor persiste, diante da necessidade das empresas ajustarem seus estoques, que continuam elevados (cerca de 42 dias de vendas). Segundo dados do Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS), o saldo de emprego automobilístico nos últimos 12 meses ficou negativo no estado (-11.949) e no país (-58.592) .

O direcionamento de parte da produção às exportações, favorecido pelo câmbio depreciado e pelos acordos fechados com países da América Latina, vem impedindo uma deterioração ainda maior das vendas do setor. No acumulado dos últimos 12 meses as exportações mineiras de veículos automotores aumentaram 3,0% em quantidade e 13,2% em valor.



PROJEÇÕES²

A projeção para o fechamento do ano é de queda de 17,1% nas vendas internas, dada a retração da renda das famílias e a alta seletividade dos agentes financeiros na concessão de crédito. Para as exportações, é esperado aumento de 12,6% em 2016, com o direcionamento da produção ao mercado externo diante do consumo doméstico retraído.

A perspectiva em relação à produção é de recuo de 10,1%, em linha com o encolhimento das vendas internas. A esperada melhora nas exportações não será suficiente para levar a variação na produção a um patamar positivo.



CENÁRIO SETORIAL MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS*

PRODUÇÃO FÍSICA MAI/16 ²	BRASIL	- 7,1%
	MINAS GERAIS	- 28,7%
FATURAMENTO MAI/16 ²	BRASIL	- 12,1%
	MINAS GERAIS	- 22,1%
EXPORTAÇÕES JUN/16 ²	BRASIL	-5,8%
	MINAS GERAIS	-17,9%

DESTAQUES

A produção física de máquinas e equipamentos registrou novo recuo na comparação anual, caindo 7,1% em maio/16. No ano, a produção já é 18,3% menor em relação a igual período de 2015.

Para Minas Gerais, a queda é ainda mais expressiva, 41,4% no ano. Esta diferença de desempenho é reflexo da maior especialização do segmento de máquinas e equipamentos no estado, concentrado no fornecimento de produtos para a extração mineral e a construção, setores fortemente afetados pela conjuntura econômica dos últimos meses.

As exportações voltaram a cair em junho/16, recuando 5,8% na comparação anual (2ª queda consecutiva). No entanto, nos primeiros 6 meses do ano, as vendas externas registram crescimento de 2,9% em relação a igual período de 2015.



PROJEÇÕES²

Os índices de confiança já mostram uma percepção menos negativa dos agentes com relação à evolução das condições econômicas no país. Contudo, a elevada capacidade ociosa e as condições de financiamento desfavoráveis impedem que os impactos positivos dessa mudança nas expectativas sejam sentidas no curto prazo.

As estimativas para o setor são de queda de 9,1% na produção física e 17,8% no consumo aparente em 2016.

Já para a balança comercial, espera-se que ao final de 2016 as exportações tenham crescido 9,3% e as importações recuado 25,2%, resultando em significativa melhora no saldo comercial, ainda que essa configuração seja insuficiente para reverter a variação negativa deste indicador.



CENÁRIO SETORIAL CONSTRUÇÃO CIVIL

NÍVEL DE ATIVIDADE (CNI) MAI/16	BRASIL	Perspectivas de cenário menos pessimista para o setor em 2017.	
	MINAS GERAIS		
PRODUÇÃO FÍSICA DE INSUMOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL (ICC) MAI/16 ¹	BRASIL	-11,0%	
CUSTO DA CONSTRUÇÃO/M ² (INCC) JUN/16 ¹	BRASIL	7,0%	R\$ 1.007,75
	MINAS GERAIS	8,6%	R\$ 955,79

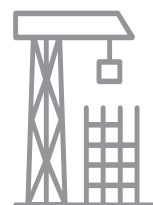
DESTAQUES

A indústria da construção permanece desaquecida. Entretanto, os resultados da Sondagem da CNI/FIEMG mostram que os empresários estão com expectativas menos pessimistas para os próximos meses.

Em maio, a produção de insumos da construção registrou a 27ª queda consecutiva no comparativo com o mesmo mês do ano anterior.

Nos últimos 12 meses, no Brasil, os custos de materiais e de mão de obra tiveram altas de 4,2% e 10,2%, respectivamente. Em Minas Gerais, as elevações correspondentes de custos foram 6,4% e 11,2%.

O cenário político conturbado e o grave problema fiscal dificultam ainda mais os investimentos em infraestrutura. Neste sentido, espera-se que o Programa de Parcerias de Investimento (PPI), anunciado pelo governo provisório de Michel Temer, possa trazer perspectivas positivas, ainda que apenas no médio e longo prazo, com a diminuição da burocracia nos processos de concessões.



PROJEÇÕES²

O nível de atividade do setor ainda deve permanecer desaquecido em 2016, com perspectivas de melhora apenas em 2017. Os indicadores mostram níveis de atividade baixos, embora com redução do pessimismo.

A melhora da confiança abre a possibilidade de aumento na intenção de investir dos empresários.

A projeção para a produção de insumos do setor é de retração de 12,7% em 2016, e de leve recuperação de 1,2% em 2017.

Quanto aos custos do setor em 2016, as estimativas apontam para altas de 3,5% nos preços dos materiais e de 7,0% para a mão de obra.



CENÁRIO SETORIAL INDÚSTRIA EXTRATIVA

PRODUÇÃO FÍSICA* MAI/16 ¹	BRASIL	-11,9%	
	MINAS GERAIS	-15,7%	
		QUANTIDADE	VALOR (US\$)
EXPORTAÇÕES MINÉRIO DE FERRO JUN/16 ¹	BRASIL	-9,4%	-11,1%
	MINAS GERAIS	5,0%	16,4%

DESTAQUES

No mês de maio/16, a produção da indústria extrativa nacional apresentou a oitava queda consecutiva, na comparação anual, enquanto em Minas o recuo aconteceu pelo sétimo mês sucessivo. A retração é consequência da diminuição na produção de petróleo e da menor extração de minério de ferro na região de Mariana-MG, devido ao acidente ocorrido no início de novembro de 2015.

Na comparação com junho do ano anterior, as exportações de minério de ferro, tanto em volume quanto em valor, reduziram no país e cresceram no estado. No entanto, em relação a maio/15, as exportações reduziram fortemente para ambos, uma vez que a China contraiu a demanda devido aos altos estoques formados nos primeiros meses do ano (Brasil: quant. -14,7% e US\$ -19,3% / MG: quant. -17,2% e US\$ -22,7%).

Com o recuo na demanda chinesa, o preço da *commodity* voltou a cair no mercado internacional. Em maio a média do valor do produto foi de US\$ 55 a tonelada, contra US\$ 60 em abril, uma queda de 8% no período.



PROJEÇÕES²

A produção nacional de minério de ferro deverá crescer 1% em 2016, atingindo 412.743 milhões de toneladas, contra 408.742 milhões de toneladas produzidas em 2015. O projeto S11D da Vale em Carajás que tem início previsto para o segundo semestre desse ano contribuirá fortemente para o aumento.

A despeito do incremento na produção, o estoque de minério de ferro nos principais portos chineses subiu nos primeiros meses de 2016, assim, não são esperados grandes volumes de importação do produto pelo país no segundo semestre do ano. O menor volume das exportações levará a retração no preço da *commodity*, as expectativas são de queda de 14%, atingindo US\$ 47,7 a tonelada.

As perspectivas para 2017 são de crescimento de 7,4% na produção do minério de ferro e retração de 3,8% no valor. Com o aumento na oferta do produto no mercado e o arrefecimento na demanda do principal mercado importador, a China, o preço do produto deve seguir reduzindo nos próximos anos.



CENÁRIO SETORIAL METALURGIA E SIDERURGIA

PRODUÇÃO FÍSICA MAI/16 ¹	BRASIL	-10,3
	MINAS GERAIS	-8,9
FATURAMENTO MAI/16 ¹	BRASIL	-11,4
	MINAS GERAIS	0,3
EXPORTAÇÕES (US\$) JUN/16 ¹	BRASIL	-9,9
	MINAS GERAIS	-17,9

DESTAQUES

A atividade econômica nacional tem dado alguns sinais de melhora, com recuperação gradativa nos índices de confiança de empresários e consumidores, o que impacta o resultado das empresas produtoras de aço, haja vista que seus principais clientes (veículos, construção civil e bens de capital) são setores cuja produção é positivamente correlacionada com estes indicadores.

No entanto, o reflexo da melhora no cenário econômico só deve ser sentido no próximo ano. A recuperação esperada para 2017 ainda não será suficiente para trazer os índices de produção brasileira de siderúrgicos a patamares superiores aos de 2015. O nível de ociosidade na indústria está acima da média e isso inibe novos investimentos. Além disso, a oferta de crédito está mais restrita e não há indícios de um novo ciclo positivo de *commodities* (restringindo maiores investimentos estruturais no setor extrativo mineral).

Desta forma, mesmo que os setores demandantes de aço mostrem avanço em 2017, a recuperação do setor de metalurgia somente deve se consolidar a partir de 2018, quando se espera retorno de investimentos em infraestrutura.



PROJEÇÕES²

Em 2016, a produção de aço bruto no Brasil deve mostrar queda de 8,0% em relação à 2015. Por outro lado, diante das expectativas timidamente mais otimistas para os próximos meses, é esperada uma melhora na atividade econômica e, com isso, um crescimento de 3,2% na produção nacional de aço em 2017, quebrando a sequência de 5 anos consecutivos de queda acumulada.

Assim como a produção, o consumo aparente de aço (produção nacional, mais importações, menos exportações) deve recuar 14,6% em 2016, retomando o crescimento modesto (+2,2%) em 2017.

MONITOR ECONÔMICO

FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO

Sistema FIEMG – Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais

PRESIDENTE:

Olavo Machado Junior

RESPONSÁVEL TÉCNICO:

Assessoria Econômica da FIEMG

Esta publicação é elaborada com base em análises internas, desenvolvidas através de dados públicos.

Não nos responsabilizamos pelos resultados das decisões tomadas com base no conteúdo da mesma.

